

As mentiras de pernas longas

EUGÊNIO BUCCI

Qual a frase mais fecunda da literatura brasileira? Qual a frase que sintetiza o Brasil? À luz - e às sombras - da sessão de ontem do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado Federal, essa frase é aquela que foi dita por Macunaíma: "Eu menti". O diálogo no livro de Mário de Andrade é inesquecível. Os interlocutores ainda pedem explicações: "Mas pra que você mentiu, herói?" Ao que Macunaíma responde: "Não foi por querer não... quis contar o que tinha sucedido pra gente e quando reparei estava mentindo..."

Em política, as coisas têm nuances mais obscuras. Uns, como Antonio Carlos Magalhães, alegam razões de Estado para ter mentido. Com o vigor santo de um sacerdote ultrajado, ele negava taxativamente a existência da lista em que apareceriam os nomes e os votos dos senadores na histórica decisão da casa que cassou Luiz Estevão. Depois, admitiu-a. Mentiu, enfim. Mas mentiu por motivos nobres, segundo argumentou. Mentiu para proteger o Senado de um escândalo. Temos aí um ACM weberiano. Outros, como José Roberto Arruda, que também renegava a lista, se refugiam em justificativas mais lacrimosas. Mentiu para manter seus compromissos.

Se mentiram antes, estarão mentindo agora? Eis aí a dúvida irresistível, eis aí o fascínio que essas sessões em Brasília exercem sobre o telespectador. O público quer ver por inteiro o caráter desses políticos. Quer ver despidas as pernas curtas, ou longas demais, da mentira. Em Macunaíma, como sabemos, isso se resolve de modo muito mais simples. Ao declarar-se mentiroso, o herói diz a mais pura verdade. Já no Conselho de Ética, é mais complicado. A acareação de ontem, a toda hora, enveredava por labirintos que não encontravam saída. Nem esclarecimento. Eravam labirintos detalhistas demais. Mesmo assim, o fascínio persiste. Ele está justamente na possibilidade de flagrar a mentira. Não está em jogo a gravidade do ilícito cometido - que não se questiona -, nem as óbvias conexões que os dois protagonistas guardam com ele. O que está em jogo é o desvelamento do caráter de ambos.

Momentos assim costumam ganhar dramaticidade na vida política. É natural. O eleitor tem o direito de conhecer o caráter dos que lhe pedem votos. Mais que direito, tem sede disso. Aí, a polí-

tica passa a funcionar na televisão com o magnetismo das telenovelas. A sede do público diante da cena política lembra a sede da platéia por desmascarar os vilões dos melodramas diários de TV.

Na semana passada, o depoimento de Antonio Carlos Magalhães fez lembrar momentos de *O Bem-Amado*, novela de Dias Gomes exibida em 1973. Às vezes, ACM nos remetia à figura de Odorico Paraguaçu. Ontem, durante a acareação, a mesma novela revivia em alguns lances. Quando José Roberto Arruda evoluía com as suas argumentações em seu tom de voz à beira do soprano, insinuava-se no vídeo uma reencarnação de Dirceu Borboleta, brilhantemente interpretado por Emiliano Queiroz em *O Bem-Amado*. Borboleta era o fiel ajudante de Odorico que, em momentos de pânico, punha-se a falar cantado e se entregava a contorcionismos faciais inimitáveis. A cada capítulo, a emoção da trama aumentava: Dirceu Borboleta iria entregar Odorico? E Odorico iria admitir alguma culpa pelas muitas tramóias que montava?

Agora, na telenovela da política real, a comicidade da obra de Dias Gomes cede lugar ao constrangimento. Estamos diante de uma investigação política, com os ritos e os tempos próprios do parlamento - não estamos diante de um show de ficção. O fascínio pode ser igual ao fascínio de uma boa obra de ficção, mas o sentido é absolutamente outro. As sessões do Conselho de Ética, por mais frustrantes que sejam quando se trata de flagrar os movimentos traiçoeiros das pernas da mentira, estão dando aulas de democracia para os telespectadores. Parece uma novela de mentira, mas só parece. No fundo, é política de verdade, política da boa. Quanto mais avança a telenovela ética do Senado, mais difícil fica fazer tudo acabar, como se diz, em pizza. O público não quer pizza - e é ele quem manda.

Enquanto isso, quer dizer, enquanto as coisas não se esclarecem, a frase imortal de Macunaíma continua dando o tom dos negócios políticos investigados. Por ora, não nos esqueçamos de que Macunaíma era o "herói sem nenhum caráter". Não há dúvidas. Quanto ao caráter dos senadores, que o público tem a legítima sede de conhecer, esses nos reservam mistérios ainda insondáveis.